

## NOSSO BAIRRO EM PAUTA: JORNAL QUE INTEGRA ESCOLA, UNIVERSIDADE E COMUNIDADE

### NOSSO BAIRRO EM PAUTA: A NEWSPAPER THAT CONNECTS SCHOOL, UNIVERSITY AND COMMUNITY

Bruna Fernanda Klassmann<sup>1</sup>

Bruna Thaís Loebens<sup>2</sup>

Leticia Vieira Braga da Rosa<sup>3</sup>

#### RESUMO

A partir do tema democratização da informação, este artigo apresenta o processo de construção do Jornal *Nosso Bairro em Pauta* a partir da atuação de seu Conselho Editorial. A publicação é a principal atividade jornalística do Projeto de Extensão *Nosso Bairro em Pauta*, da Universidade Feevale. Atendendo os moradores dos bairros São José e Vila Nova, em Novo Hamburgo (RS), o projeto atua nas escolas municipais tendo como proposta a comunicação comunitária. As atividades realizadas partem das relações entre mídia, educação e cultura, possibilitando a participação da comunidade na construção do periódico.

**Palavras-Chave:** Comunicação comunitária. Escola. Democratização da informação.

#### ABSTRACT

From the theme democratization of information, this article shows the process of building the Jornal *Nosso Bairro em Pauta* from the performance of its Editorial Board. The publication is the main journalism Extension Project *Nosso Bairro em Pauta*, of University Feevale. Given the residents of the neighborhoods São José and Vila Nova in Novo Hamburgo (RS), the project operates in the public schools as having proposed community communication. The activities run of the relationship amongst media, education and culture, providing opportunities for community participation in the construction of the journal.

**Keywords:** Communication community. School. Democratization of information

## 1 INTRODUÇÃO

O *Jornal Nosso Bairro em Pauta* é uma produção realizada através do Projeto de Extensão *Nosso Bairro em Pauta*, da Universidade Feevale, em Novo Hamburgo (RS), que integra a comunidade local através dos trabalhos desenvolvidos desde 2002. As atividades partem da relação entre mídia,

<sup>1</sup> [brunaklassmann@feevale.br](mailto:brunaklassmann@feevale.br)

<sup>2</sup> [brunaloebens@feevale.br](mailto:brunaloebens@feevale.br)

<sup>3</sup> [leticiarosa@feevale.br](mailto:leticiarosa@feevale.br)

educação e cultura, possibilitando a participação democrática dos moradores dos bairros São José/ Kephass e Vila Nova/Vila Martin Pilger na construção de notícias veiculadas no periódico. A partir dessa integração, o jornal aproxima a universidade da escola e a escola da comunidade, fazendo com que as ações ocorridas dentro dos bairros sejam reconhecidas e valorizadas pelos moradores locais. Com isso, o *Jornal Nosso Bairro em Pauta* tem a proposta de proporcionar que os pequenos acontecimentos rendam grandes matérias e que os moradores das comunidades atendidas sejam protagonistas das histórias impressas no jornal.

Criado em 2014, o *Jornal Nosso Bairro em Pauta* é a unificação dos jornais *Folha Martin Pilger* (29 edições) e *Fala Kephass* (16 edições), que foram os trabalhos iniciais do Projeto de Extensão. Produzido uma vez por semestre, já foram impressas quatro edições do periódico, que é distribuído gratuitamente para alunos, professores e moradores dos bairros participantes.

Através da coordenação dos professores do projeto, os acadêmicos de Comunicação Social que participam da produção do *Jornal Nosso Bairro em Pauta* desenvolvem atividades de cunho comunitário e social, visando a estabelecer um vínculo entre a academia e a população local. Essa relação se origina a partir do Conselho Editorial do jornal, formado pelos professores e pela direção das escolas municipais participantes do Projeto de Extensão. As instituições de ensino parceiras são: EMEF Eugênio Nelson Ritzel, EMEF Pres. Affonso Penna, EMEF Pres. Rodrigues Alves, EMEF Profa. Adolfina J. M. Diefenthaler, EMEI Prof. Zozina de Oliveira, EMEI Arco-íris, EMEI Vivendo e Aprendendo e EMEI Vovô Werno.

Por meio do *Jornal Nosso Bairro em Pauta*, as comunidades presentes nos bairros São José e Vila Nova têm a oportunidade de ler e participar na construção de matérias que retratam a sua realidade. A proposta do periódico é enfatizar os assuntos positivos que são encontrados nas escolas, nas ruas e com os moradores da região, perguntando, ouvindo e publicando os assuntos de interesse dos moradores, como forma de democratização da informação.

Este estudo tem como objetivo geral descrever de que forma a atuação do Conselho Editorial do *Jornal Nosso Bairro em Pauta* possibilita a participação da comunidade dos bairros participantes nas atividades de extensão. A partir desse objetivo, pode-se elencar os seguintes objetivos específicos: relatar o processo de produção e distribuição do *Jornal Nosso Bairro em Pauta*; delinear o envolvimento do Conselho Editorial do projeto no desenvolvimento de atividades de jornalismo comunitário.

A ação jornalística voltada para a participação da comunidade na construção do *Jornal Nosso Bairro em Pauta* encontra-se embasada nas ideias de Paulo Freire (1982, p. 66), para quem o “sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não ao contrário”. Assim surgiu a proposta desse periódico, que não é planejado e elaborado apenas pelos professores e pelos acadêmicos extensionistas da Universidade, mas é o resultado de um trabalho feito em parceria com a comunidade. O *Jornal Nosso Bairro em Pauta* também encontra referência e sinergia na proposta de Círculo Krohling Peruzzo (1998, p. 115), que destaca a necessidade de a comunicação popular ser realizada “não para as comunidades, mas com as comunidades, com a participação destes em todo o processo”. A essa luz, o jornal realiza todas as etapas com o auxílio do Conselho Editorial, que é a representação da comunidade na produção do periódico, executando desde o planejamento das notícias até a distribuição dos exemplares.

A abordagem dos temas encontrados na comunidade é outro aspecto relevante da produção das matérias jornalísticas. Ao trazer assuntos diferenciados da mídia convencional, o *Jornal Nosso Bairro em Pauta* apresenta um olhar mais amplo sobre o que está presente dentro das localidades. Ao elaborar as reportagens, ao visitar os bairros, descobrem-se temas belos e surpreendentes nas ruas, nas escolas e nas residências. Conforme Eliane Brum (2006, p. 188), “vemos o que todos veem e vemos o que nos programaram para ver [...] porque nada é mais transformador do que nos percebermos extraordinários e não ordinários como toda a miopia do mundo nos leva a crer”. É com esse foco que são realizadas as visitas às escolas e aos moradores dos bairros, para desenvolver pautas diferenciadas dos grandes veículos de comunicação e de uma forma que aproxime o leitor do jornal. Essa aproximação ocorre através da linguagem utilizada e dos assuntos abordados no periódico, fazendo com que a comunidade se identifique com a publicação.

O *Jornal Nosso Bairro em Pauta* procura envolver a comunidade na construção do periódico: sugerindo, opinando, planejando e transformando-se em personagens das histórias contadas nas matérias. Ao conectar a universidade, mediante seus professores e bolsistas; as escolas do bairro, com seus professores e alunos; e a própria comunidade, o jornal-laboratório oferece uma experiência interdisciplinar que busca retratar, fazer ouvir, dar voz à comunidade, em uma proposta de jornal comunitário.

## 2 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Este estudo foi conduzido em um nível de pesquisa exploratória, que tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto investigado (PRODANOV; FREITAS 2013, p. 51). Como método de abordagem, foi utilizada a sociologia compreensiva e, como procedimento, as narrativas do vivido. Sob o paradigma compreensivo da sociologia, busca-se a compreensão da sociedade a partir dos indivíduos e de suas ações sociais. “O ponto de vista do interesse das ciências sociais reside na configuração real e, portanto, individual da vida sociocultural que nos rodeia, quando queremos apreendê-la no seu contexto universal, nem por isso menos individual” (WEBER, 1979, p. 89).

A respeito desse método, Silva afirma que o pesquisador da sociologia compreensiva atua como “um mediador que faz falar o social”, quer sentir o que o outro sente, colocar-se em seu lugar, “num vaivém que compreende e explica, interpreta e participa, vibra e distende, questiona e responde, observa e descreve, desvela e revela” (SILVA, 2006, p. 80).

Importante ressaltar que esta pesquisa se caracteriza também como uma observação participante, em que o próprio acadêmico extensionista relata a vivência de seu trabalho jornalístico junto à comunidade dos bairros atendidos. Prodanov e Freitas (2013, p. 67) apontam que a pesquisa participante “se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”. Nesse sentido, o bolsista de extensão, como estudante de jornalismo, age como repórter, contando histórias que vai descobrindo ao cobrir o bairro. Segundo Silva (2006), trata-se de descrever, mostrar, relatar, reportar, dar voz, fazer falar, construir perfis, retratar uma comunidade, refazer a história de vida de um indivíduo ou grupo, biografar, contar, cobrir, descobrir, produzir um mosaico, montar um painel.

Para o delineamento da pesquisa, foi utilizado o estudo de caso, que consiste em coletar e analisar informações sobre determinado grupo ou comunidade. Nesse sentido, esta análise aborda o *Jornal Nosso Bairro em Pauta* a partir de três enfoques: seu processo de produção e distribuição; a atuação do Conselho Editorial do jornal; e o envolvimento do Conselho Editorial do periódico no desenvolvimento de atividades de jornalismo comunitário.

Como referencial teórico, que compõe a base do estudo de caso proposto, têm-se como principais autores: Paulo Freire (1982), sobre a relação entre comunicação e extensão; Eliane Brum (2006) para despertar um olhar diferenciado sobre as pautas; Cílicia Krohling Peruzzo (1998), para tratar da comunicação na construção da cidadania; Zigmunt Bauman (2003), para retratar o conceito de comunidade; Denise Cogo (1998), para descrever a comunicação comunitária; e Raquel Paiva (1998), para abordar questões referentes à comunidade, à mídia e à globalização.

### 3 JORNAL PRODUZIDO COM A COMUNIDADE

Todo cidadão tem direito de expressar suas vivências e experiências em qualquer assunto. A Declaração dos Direitos Humanos de 1948, no seu Artigo 19, assegura que “todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informação e ideias por quaisquer meios de expressão”. A Constituição Brasileira de 1988, em seu capítulo 1º, Artigo 5º e inciso IX, manifesta que “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. Para Peruzzo, esse direito reforça a formação da cidadania:

O acesso à informação e aos canais de expressão é um direito de cidadania. Faz parte dos direitos da pessoa. Um direito de primeira geração, ou seja, se circunscreve à dimensão civil da cidadania que assegura, entre outros direitos, o de liberdade de expressão de ideias, convicções, crenças e etc. Mas, também um direito de terceira geração, ao declarar-se para a noção do direito coletivo; direitos de grupos humanos e suas individualidades (PERUZZO, 2004, p. 14).

Com o acesso à expressão, de forma individual ou coletiva, torna-se possível a troca de informações e, assim, uma formação cidadã e uma representação da identidade passam a ser criadas. Portanto, a representação em grupo ou em coletivo pode ser caracterizada como uma comunidade. Conforme Zigmunt Bauman, o conceito de comunidade não é um consenso, porém parte de um entendimento comum:

O entendimento ao estilo comunitário, casual (zuhaden, como diria Martin Heidegger), não precisa ser procurado, e muito menos construído: esse entendimento já ‘está lá’, completo e pronto para ser usado – de tal modo que nos entendemos “sem palavras” e nunca precisamos perguntar, com apreensão, ‘o que você quer dizer?’ O tipo de entendimento em que a comunidade se baseia precede todos os acordos e desacordos. Tal entendimento não é uma linha de chegada, mas, o ponto de partida de toda união (BAUMAN, 2003, p. 15).

Mesmo as pessoas sendo diferentes por suas características, e acrescidos a isso fatores externos que as tornam distintas, é esse entendimento comum que as faz permanecerem unidas. Entretanto,

segundo Bauman, existem dois processos que fazem acontecer essa união: a comunidade pode ser formada por aproximação ou por princípios.

É comum afirmar que as 'comunidades' (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segunda a fórmula de SiegfriedKracauer) 'vivem juntos numa ligação absoluta', e outras que são "fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios". (BAUMAN, 2004, p. 17).

Vale ressaltar que essa comunidade existe porque as pessoas moram próximas, a comunicação é possível uma vez que esse grupo tenha as mesmas ideias. Mas, também é possível que esse outro tipo de comunidade, construída a partir de princípios, encontre e crie sua forma de comunicação. Ou seja, a comunicação comunitária, aqui já acentuada como uma forma de comunicação que fortalece e caracteriza vínculos, surge a partir desse entendimento de vontades, princípios e ideias comuns entre seus membros.

Cogo (1998) salienta que a comunicação comunitária foge dos modelos de comunicação tradicional, pois transforma as pessoas, que, antes, eram apenas receptoras de informações, em também geradoras de conteúdo:

Em contraposição a esse modelo, os latino-americanos propõem um novo conceito de comunicação definido por Beltrán como 'um modelo humanizado, não elitista, democrático e não-mercantilista cujo objetivo não é mais o simples exercício da influência sobre o comportamento' [...] Dentro desse novo conceito, o receptor deixaria, portanto, de ser passivo para atuar também como emissor e vice-versa, rompendo a clássica dicotomia ou 'divisão invisível'. (COGO, 1998, p. 28).

O que motiva o surgimento do interesse pela criação de uma expressão comunitária é muito variado. Desde a circulação de informações internas, até as demandas de melhorias, assim apresentando as dificuldades e os problemas daquele grupo e/ou local. Esse interesse, ou necessidade, faz esse grupo estar unido por ideias comuns, com isso, manifesta-se na busca de realizações, podendo ser a "circulação de informação entre os membros duma comunidade, possibilitando assim vínculo mais estreito entre eles, até a divulgação de propostas e reivindicações" (PAIVA, 1998). Mas, é importante compreender que a comunicação comunitária não existe apenas como uma manifestação isolada.

Cumprir destacar também que todo esse processo de comunicação, em que o grupo exerce seu próprio direito de informar e se manter informado, pode ser realizado com recursos de baixo custo e com características simples. Mesmo com o grande avanço tecnológico de que a sociedade dispõe, alguns grupos que utilizam a comunicação comunitária não têm acesso a esses recursos tecnológicos, pois lhes faltam recursos financeiros.

A produção do *Jornal Nosso Bairro em Pauta*, objeto em estudo neste trabalho, é feita utilizando-se das ferramentas da comunicação comunitária, mas tendo como diferencial a possibilidade de recursos disponibilizados pela Universidade Feevale, por meio da Pró-reitora de Extensão e Assuntos Comunitários (PROACOM). Assim, a proposta do Projeto de Extensão é construir, junto com a comunidade, um jornal que destaque os acontecimentos positivos dos bairros São José/Kephas e Vila Nova/Vila Martin Pilger, em Novo Hamburgo (RS). Essa produção é feita pelos acadêmicos de Jornalismo da Universidade Feevale, orientados pelos professores do Projeto de Extensão, juntamente com o Conselho Editorial, que é o elo do jornal com as comunidades.

O Jornal conta desde 2011 com o Conselho Editorial, composto por professores e direção das escolas municipais participantes do Projeto de Extensão. Esses educadores, indicados pelas próprias instituições de ensino, são os olhos da comunidade. É através deles e de seus alunos que surgem as pautas iniciais, que serão discutidas na primeira reunião de pauta. Para Ricardo Noblat, um jornal precisa ter um conselho de leitores que possa se manifestar com críticas ou elogios referentes à publicação:

Não basta ler. Tem de participar. Não basta ouvir o leitor. Tem de deixá-lo interferir. [...] Abrem-se mais espaços para manifestação dos leitores. Cada editoria deve ter seu conselho de leitores, que se reunirá periodicamente para criticar o jornal e sugerir meios e modos de fazê-lo melhor (NOBLAT, 2002, p. 153).

Indo além da simples proposta de ser um Conselho de Leitores, o Conselho Editorial do *Jornal Nosso Bairro* tem por objetivos: promover a participação da comunidade escolar no planejamento e na elaboração do jornal; reforçar o diálogo e a relação de confiança e parceria entre o projeto de extensão e a comunidade escolar; e refletir sobre os temas de interesse da comunidade e o modo de abordagem mais adequado.

Nas atribuições do Conselho Editorial do *Jornal Nosso Bairro em Pauta*, constam; realizar reuniões periódicas nas quais são feitas sugestões de pautas, revisões dos textos e avaliações dos jornais publicados; facilitar o agendamento de pautas com as fontes (professores, alunos, funcionários das escolas, famílias); atuar como um elo entre o jornal e seus leitores; planejar as ações de lançamento e distribuição dos jornais. O Conselho Editorial foi criado para que o periódico contasse com pessoas do bairro que pudessem representar o grande grupo, ou seja, um indivíduo da comunidade escolar que, ao mesmo tempo, conhece os moradores do bairro e as histórias do local.

A partir dessa integração entre universidade, escola e comunidade, a construção do *Jornal Nosso Bairro em Pauta* envolve redação, fotos, edição e diagramação, sendo atividades desenvolvidas por bolsistas, professores e moradores. O processo de produção e distribuição do *Jornal Nosso Bairro em Pauta* dura quatro meses, desde o primeiro contato com as escolas municipais até a distribuição do jornal. Esse trabalho é realizado semestralmente.

A elaboração do jornal inicia através de uma reunião de pauta realizada com o Conselho Editorial. Durante esse encontro, que muitas vezes ocorre dentro da Universidade ou nos próprios bairros, em uma das escolas participantes do projeto, são decididos os assuntos que serão tratados em cada página. Os temas que serão publicados são apontados pelo Conselho e, durante a reunião, é decidido o enfoque que será abordado na matéria. O periódico conta com as seguintes editorias: Olha Só, Por Onde Anda, Sala de Aula é Notícia, Educação Infantil, Caderno Especial, Saúde, Oficinas, Jovem Repórter, Esportes, Psicologia, Dicas e Serviços Feevale.

O *Jornal Nosso Bairro em Pauta*, através da forma de compor as suas pautas, faz com que os assuntos venham da comunidade para dentro do Projeto de Extensão, e não o contrário. Essa abordagem na construção das pautas, além de privilegiar a proposta de desenvolvimento do jornal junto com a comunidade, como vista por Peruzzo (1998), também atende aos fundamentos da própria atividade jornalística, conforme Noblat (2002, p. 150): “o único meio possível de oferecer notícias que

surpreendam o leitor é deixar que os repórteres pautem o jornal de fora para dentro. Ou seja: da rua para a redação”.

Em cada editoria do *Jornal Nosso Bairro em Pauta*, a comunidade é destaque através de enquetes, entrevistas e assuntos focados nos moradores, desde fatos que ocorreram nos bairros até dúvidas gerais encaminhadas pelos moradores. Quando o assunto parte de uma questão geral da comunidade, é realizada uma grande reportagem, em que a comunidade aponta a situação e são realizadas entrevistas com especialistas no assunto, utilizando uma abordagem e um enfoque especiais para sanar essas dúvidas.

Depois dos assuntos definidos na reunião com o Conselho Editorial, os bolsistas do Projeto de Extensão organizam as informações e marcam a visita na escola ou no bairro para realizar a pauta. Esse contato com as escolas e os moradores dos bairros é mediado pelos professores do Conselho Editorial. Após a coleta de informações, os acadêmicos voltam para a Universidade Feevale e escrevem os textos, as legendas e selecionam as fotos. Cabe destacar que, em algumas seções do jornal, também a produção das matérias é realizada pela comunidade, como é o caso da editoria Repórter Jovem, em que os alunos das escolas parceiras escrevem as próprias notícias, após participarem de uma oficina de jornalismo desenvolvida pelos acadêmicos de jornalismo extensionistas do projeto.

Com tudo pronto, a matéria passa para a revisão dos professores do Projeto de Extensão. Com a sua aprovação, o texto passa para a diagramação. Após todas as páginas estarem diagramadas, é marcada uma reunião com as professoras do Conselho Editorial para realizar a revisão do jornal. Além de ler as matérias, os membros do Conselho também sugerem melhorias nos textos ou nas fotos. Depois de realizados os ajustes finais, o periódico é enviado para a impressão. Assim que finalizada essa etapa do processo de produção do periódico, os bolsistas entram em contato com as escolas novamente para agendar a data da distribuição dos jornais.

Em cada instituição de ensino, a entrega é feita de uma forma diferenciada, desde paradas literárias até o simples passar de sala em sala e distribuir um exemplar para cada aluno. Esse momento de distribuição do jornal é importante, pois as crianças e os adolescentes acabam se vendo no jornal ou reconhecendo vizinhos, amigos e até mesmo seus familiares, o que faz cada um ficar mais próximo da publicação.

A identificação da comunidade com o Jornal é tão grande que ser capa do jornal assume caráter de prestígio e reconhecimento, algumas vezes, o jornal acaba sendo guardado como uma lembrança ou emoldurado para decorar uma parede da casa. Também essa etapa gera notícia e é alvo do trabalho dos bolsistas, que registram depoimentos e imagens que expressam a aprovação da comunidade a cada lançamento de um novo jornal. Paralelamente a esse registro jornalístico, o projeto também realiza uma pesquisa de opinião com os moradores para conhecer o nível de participação, conhecimento e aceitação do jornal.

Na pesquisa de opinião realizada em 2014, com 170 pessoas entre alunos e seu pais, professores e funcionários das escolas participantes do Projeto de Extensão *Nosso Bairro em Pauta*, foi apontado o que segue na questão de opinião em relação ao jornal: 61 pessoas (36%) acreditam que o periódico ajuda a conhecer o que acontece na escola e no bairro; 52 pessoas (31%) salientaram que o jornal contribui para a valorização da escola e do bairro; 47 (28%) destacaram que o *Nosso Bairro em Pauta*

valoriza as pessoas que aparecem na comunidade; e 10 pessoas (5%) não souberam responder. Esses resultados representam o quanto o *Jornal Nosso Bairro em Pauta* está inserido na comunidade, valorizando os assuntos que são levantados pelos alunos, por professores e moradores.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo do projeto de extensão *Nosso Bairro em Pauta* tem sido, desde 2002, uma fonte de informação para a comunidade, destacando assuntos positivos nas escolas, nas ruas e nas residências dos bairros São José/Kephas e Vila Nova/Vila Martin Pilger, em Novo Hamburgo (RS). Além disso, o jornal *Nosso Bairro* aproxima-se da realidade vivida nas comunidades, ao oferecer a oportunidade de acadêmicos e moradores estarem em contato direto, mediante a ação do Conselho Editorial, envolvidos no desenvolvimento do periódico.

Embora o projeto esteja inserido há mais de 10 anos nas escolas municipais dos bairros São José e Vila Nova, isso não significa que não haja limitações. Com o intuito de realizar uma comunicação comunitária, a cada semestre, quando se inicia a produção de um novo jornal, surgem novos desafios, entre eles, a retomada dos encontros e do relacionamento com os professores do Conselho Editorial, fato que aponta a necessidade de se realizar novas pesquisas sobre o tema.

Ao finalizar, pode-se destacar que, mesmo com as dificuldades encontradas, a cada edição, os bolsistas, junto com o Conselho Editorial, executam um jornal de 28 páginas, e cada uma delas conta uma história fascinante de um ou mais personagens encontrados nos bairros São José e Vila Nova. É através dessa integração entre universidade, escola e comunidade que é possível desenvolver um jornal comunitário que valoriza, a partir da democratização da informação, a realidade vivida pelos moradores. Utilizando-se dos elementos da comunicação comunitária, podem-se buscar novas perspectivas para aqueles que são desfavorecidos pelos grandes meios. Dentro de uma comunidade, é possível encontrar situações, fatos, casos e histórias que são vistas de outra perspectiva, a visão de quem vive esses acontecimentos todos os dias, sendo uma visão de dentro dos bairros São José e Vila Nova, que é produzida e impressa no *Jornal Nosso Bairro em Pauta* pelas comunidades participantes.

#### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Comunidade. A busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidade.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

BRUM, E. **A vida que ninguém vê.** Porto Alegre, RS: Ed. Arquipélago Editorial, 2006.

COGO, D. **No Ar... Uma Rádio Comunitária.** São Paulo: Editora Paulinas, 1998.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1982.

KOVACH, B; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo.** São Paulo, SP: Geração Editorial, 2003.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2006.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2002.

PAIVA, R. **O Espírito Comum**. Comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, C. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_ (Org.). **Vozes Cidadãs**. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

PRODANOV, C; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SILVA, J. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2006.

WEBER, Max. **Max Weber: sociologia**. São Paulo: Ática, 1979.